



**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas**

Lucas Lima Campos - 16/0133629

“Relatos de como o Teatro do Oprimido transforma um espect-ator para a vida”

Brasília - DF
1/2020
Lucas Lima Campos

“Relatos de como o Teatro do Oprimido transforma um espect-ator para a vida”

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade de Brasília para a obtenção
do título de Licenciado em Artes
Cênicas.

Orientadora: Lídia Olinto

Brasília - DF
1/2020
Lucas Lima Campos

“Relatos de como o Teatro do Oprimido transforma um espect-ator para a vida”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito integrante do processo avaliativo para obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Professora Doutora Lidia Olinto (Orientadora)

Professora Fabiana Marroni Della Giustina (UnB)

Professora Silvia Beatriz Paes Lima Rocha Garcia (UnB)

Brasília - DF
1/2020

RESUMO

O Teatro do Oprimido é um método teatral criado por Augusto Boal, ele é utilizado por pessoas no mundo todo. Sua influência moldou a forma do fazer teatral, abordagens pedagógicas e até mesmo a aprovação de leis municipais.

Permeando lembranças e acontecimentos, o Teatro do Oprimido se instaurou em minha vida me levando a fazer escolhas que moldaram grande parte da minha vida.

Revisitar as memórias da minha vivência com o Teatro do Oprimido me ajuda a compreender a vontade que tenho de estudar o método de Boal e entender um pouco mais sobre como esse método tão famoso transforma para a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Oprimido; Boal;

ABSTRACT

Teatro do Oprimido is a theatrical method created by Augusto Boal, it is used by people all over the world. Its influence shaped the way of doing theater, pedagogical approaches and even the approval of municipal laws.

Permeating memories and events, the Theater of the Oppressed became established in my life leading me to make choices that shaped a large part of my life.

Revisiting the memories of my experience with the Theater of the Oppressed helps me to understand my desire to study Boal's method and understand a little more about how this so famous method transforms for life.

KEYWORDS: Theater; Overwhelmed; Boal;

AGRADECIMENTO

O ano de 2020 foi um dos anos mais conturbados para muita gente, a pandemia do Covid-19 causou uma mudança na rotina e no que a gente conhecia como o normal. Em isolamento social passei diversos meses tentando e criando coragem para fazer esse trabalho ser finalizado, algumas pessoas foram essenciais para que isso fosse possível.

Primeiramente agradeço a minha mãe, Marina, pelo apoio e por estar ao meu lado durante toda a minha trajetória no teatro, agradeço às minhas irmãs Marli, Gabriela e Kelvia por sempre estarem presentes em minha vida e serem as melhores irmãs que alguém poderia ter, agradeço aos meus tios Adnelia e Agê por toda a instrução e apoio que me deram desde a minha infância até o dia de hoje. Aos meus primos Guilherme, Eduardo, Luísa, Dudu, Fabiana, aos meus tios Adriano e Adriana meus sinceros agradecimentos.

Esse trabalho não existiria se eu não tivesse entrado em contato com o teatro em 2015, e um dos grandes responsáveis por isso foi meu grande e melhor amigo Gabriel, obrigado por me mostrar que os sonhos podem se tornar realidade quando se tem pessoas incríveis ao meu lado, obrigado por todas as vezes que estive ao meu lado aguentando cada piada sem graça, ouvindo cada choro, nos momentos ruins e felizes, te amo.

O grupo Leve Supra Cena proporcionou grandes amizades que levo no meu coração. Dara, agradeço imensamente por te ter na minha vida, de poder acompanhar seu crescimento de perto, fico emocionado ao perceber que a nossa graduação nos aproximou e nos deixou mais unidos prontos para qualquer coisa que o outro precisar. Jiló, minha menina pura e com o brilho no olhar, minha melhor monitora de encenação, agradeço por ter feito essa jornada ao seu lado, você é uma garota muito especial pra mim.

Aos meus mestres Ricardo Cruciolli, Hugo Nicolau, Aline Seabra e Silvia Paes, sem vocês eu não estaria onde estou hoje acreditando que a arte e a educação podem mudar o mundo, vocês foram e sempre serão essenciais para a formação da pessoa que sou e serei, minhas referências de vida são vocês, obrigado por tudo.

Durante a minha graduação diversas pessoas passaram pela minha vida e marcaram a minha jornada. Bruna Dutra, Mari Marinho, Nathália Macedo, Carol Franklin, Gabriel Gabor, Bia Villas Boas, Arthur Scherdien, Daniela Souza, Úlli de Oliveira, Giovanna Lisboa, Alê Arautas, Agda Couto, Carla Veras, Paula Otero, Vitória Barreto, Joop, Deni, Cleverson, Luiza Coimbra, Brendon Hoffman, Nath Venturelli, Shirley Araújo, Otávio, Emily, Pedro Olivo, Ana Sofia, Mariana Alcides, Rafael Batista, Sarah Pimenta, Luana Lebazi, Jade Luisa, Milca Orrico, Rodrigo Neri, Kaita e Rafa Giavoni. Essas pessoas foram muito importantes

para mim e estão guardadas em um cantinho muito especial do meu coração, obrigado por tudo.

Aos meus mestres que tanto me ensinaram durante cada aula que tive na universidade, Fernando Villar, Vancléia Porath, Felícia Johansson, Nitza, Ângela Café, Pedro Benevides, Sullian, Fabi Marroni, Graça Veloso e Márcia Duarte os meus sinceros agradecimentos por cada palavra de sabedoria.

Em especial agradeço à minha orientadora Lídia Olinto, obrigado por ter dado a oportunidade de fazer essa pesquisa ao seu lado, obrigado por ter insistido para que eu fosse ao CTO, obrigado por me ajudar com cada mensagem de apoio, cada abraço, cada incentivo... todas essas pequenas coisas foram muito importantes para que esse trabalho fosse concluído.

Agradeço em especial a Dona Gilda pela hospedagem e pela recepção no Rio de Janeiro.

Estou rodeados de pessoas e amigos muito queridos, ao meu Bonde dos Chatos, eu agradeço por todos os anos de amizade que tenho com cada um, Alice, Luiza, Bela, Victor, Eduardo, Anna e Gabriel, amo vocês.

Folha, Beca, Ivan, Bia, Matt, PrincessMatt, Bini, Mayara e Dani dos Santos, eu não poderia deixar de mencionar vocês, obrigado por deixarem eu fazer parte da vida de vocês.

Por fim, agradeço a mim mesmo, pode parecer egocentrismo e talvez até seja, mas eu não poderia deixar de me enaltecer, depois de tudo o que vivenciei e experienciei, as escolhas que fiz, as coisas que vi e vivi, hoje eu tenho a certeza que estou no caminho certo.

INTRODUÇÃO

Nascido em 1931 na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, carioca do bairro da Penha. Augusto desde pequeno já tinha o gosto pelo fazer artístico, quando criança sempre montava alguma peça de teatro nos encontros de família. O ambiente suburbano em que cresceu teve grande influência na sua trajetória artística e como cidadão.

Para satisfazer o desejo de seu pai que fazia questão de ter filhos formados em profissões consideradas sérias, Augusto estudou engenharia química. Não demorou muito para que Boal percebesse que os processos artísticos e sociais chamavam mais sua atenção do que a química. Enquanto cursava engenharia, Boal produzia diversos textos dramáticos.

Boal teve o privilégio de realizar um curso de especialização em nos Estados Unidos, lá teve a chance de se aprofundar em sua pesquisa teatral.

Ao retornar ao Brasil, já graduado em engenharia química, foi convidado a dirigir o Teatro de Arena de São Paulo. Lá dirige jovens artistas onde a livre expressão de idéias e estilos provoca uma revolução estética tornando assim o Teatro de Arena uma referência nacional. Fundado em 1953, na cidade de São Paulo, o Teatro de Arena tinha como objetivo apresentar produções de baixo custo para contrapor as produções que estavam em alta na época com produções sofisticadas e com bastante influência internacional. Boal dirigiu inúmeras peças como: *Arena Conta Zumbi*. De Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri (1965). *Chiclete e Banana*. Texto e direção: Augusto Boal (1969).

Com a chegada da ditadura militar em 1964 onde a perseguição de indivíduos com preocupações sociais e políticas, Augusto Boal é preso, torturado e exilado. Durante seu período de exílio na Argentina dirige o grupo El Machete de Buenos Aires onde monta o espetáculo de própria autoria, O Grande Acordo Internacional do Tio Patinhas e Revolução na América do Sul. Nesse período escreveu diversos livros, entre eles o *Teatro do Oprimido*.

A prática do Teatro do Oprimido de Augusto Boal surgiu da necessidade de reação às relações ditatoriais na América Latina, na década de 1960. Boal conclui por uma total desativação do papel do espectador, tendo em vista a sua libertação do papel de mero observador e, com isso, em última instância, a libertação do povo de sua passividade e impotência. KOUDELA (2004)

Ao ir para a Europa, Boal segue dirigindo suas montagens e propagando seu método teatral que rapidamente se torna uma referência internacional.

Após seu exílio, Boal começou a sua pesquisa para encontrar formas teatrais que fossem úteis para os oprimidos. Assim, sistematizou o Teatro do Oprimido, que a partir de uma encenação de uma situação real incentiva o diálogo entre atores e espectadores, onde busca ações que sejam efetivas para a mudança na realidade apresentada na encenação.

Em uma entrevista gravada em 1997, Boal afirma que seu método é baseado na ideia de que todo mundo é teatro mesmo que não faça teatro. Ou seja, fazer teatro é aprender o ofício. Ser teatro é ser humano, ser ator e espectador de si mesmo. Então, o Teatro do Oprimido é um conjunto de exercícios, jogos e técnicas que ajuda qualquer cidadão a perceberem que são teatro e falam teatro.

Boal acreditava que as técnicas de seu método eram consequência de descobertas coletivas que surgiam a partir da necessidade de respostas objetivas.

A árvore foi o símbolo escolhido para a representação de seu método¹, o motivo é simples, pois uma árvore está em constante transformação e tem a capacidade de multiplicação. A Árvore do Teatro do Oprimido representa a estrutura pedagógica do método. Cada técnica que integra o método é fruto de uma descoberta, é uma resposta a uma demanda que Boal via a necessidade de solucionar.

Em 1989 fundou o Centro de Teatro do Oprimido², foi diretor artístico do local por 23 anos até sua morte em 2009.

Na expectativa das novas eleições, ao término dos seis meses, Boal e seu grupo viram o idealizador do CIEPs não ser eleito e o projeto com o TO não ser levado adiante pelo governo posterior. Foi a partir disso, sem o aparato de políticas públicas, que os integrantes do projeto e o teatrólogo decidiram criar o Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (CTO-Rio), em 1989. ZANETTI (2015)

O teatro do Oprimido se provou uma potente ferramenta de conscientização de todos que o praticam. Esse era o desejo de Boal, que diversas pessoas, sejam quais forem sua etnia, seu gênero, sua crença, sua profissão ou condição social, desenvolvessem sua arte interior e alcancem o princípio dos direitos humanos.

¹ Símbolo que será explicado no capítulo 2.

² Centro de pesquisa, desenvolvimento e difusão do Teatro do Oprimido. Localizado na Av. Mem de Sá, 31 - Lapa, RJ.

Até os dias atuais sua metodologia é aplicada e estudada em quase 70 países espalhados pelos cinco continentes.

Augusto Boal foi um homem fundamental na história do teatro no mundo, foi um artista que contribuiu na discussão da função do teatro na sociedade, Boal permanece vivo em cada praticante de seu método, Boal vive na arte.

O objetivo deste trabalho é apresentar e buscar uma reflexão de como o teatro do oprimido apareceu na minha vida e como ele influenciou na minha trajetória pessoal.

No capítulo 1 apresento todo o percurso que realizei ao participar de uma oficina teatral com a prática do teatro do oprimido, nele apresento cada vertente do teatro do oprimido e conto a trajetória do curso que realizei no ano de 2015 com a professora, atriz, diretora e multiplicadora do teatro do oprimido Silvia Paes.

O capítulo 2 irá abordar o curso que realizei em janeiro de 2020 no Centro de Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro, lá será exposto observações que tive durante a viagem juntamente com algumas vivências durante os dois dias de curso, neste capítulo será possível encontrar uma lista com os exercícios realizados na oficina.

Com o intuito de buscar uma reflexão sobre como a metodologia de Boal tem uma grande influência na formação pessoal de cada um que vivencia sua técnica, utilizo a minha própria memória e experiência como exemplo e instrumento para abordar essa temática.

CAPÍTULO 1 – A EXPERIÊNCIA

1- Preto = Lucas + Teatro

Matemática nunca foi a matéria favorita de Lucas na época escolar. Sua adolescência na escola foi repleta de zeros em provas pelo simples fato de não gostar de números. Mas parando para refletir, uma simples conta matemática fez ele entender como o teatro foi de extrema importância na fase escolar.

Lucas, seu nome. Lucas, um adolescente sem muita perspectiva do futuro. Lucas, um jovem que sempre buscou liderar equipes em gincana, fazia sempre seminários com teatro e sempre tirava notas altas nas matérias de humanas, um jovem que tinha uma grande visão artística – hoje enxergo isso – mas não almejava nada disso pro seu futuro.

Digamos que Lucas seja como vários e várias adolescentes, provavelmente no ensino médio, cursando disciplinas que não gostam, tentando tirar a média 5, fazendo trabalhos criativos pra tentar deixar tudo menos monótono e chato, achando que a aula de artes é só para desenhar e ficar conversando enquanto a professora fica falando sozinha. Lucas pode ser representado pelo número 1.

O teatro em sua vida surgiu de uma forma muito inesperada. Foi pela curiosidade e continuou pela curiosidade ainda maior, tentando imaginar as possibilidades que um espaço vazio poderia proporcionar.

Em um processo de montagem de um grupo de teatro do qual fazia parte – onde a estética do Teatro do Oprimido de Augusto Boal era o enfoque – haviam três Lucas. Com o passar do tempo isso se tornou uma grande confusão, nunca sabiam qual era o Lucas que estavam querendo chamar, dirigir ou usar como exemplo em algum exercício. Até que um certo dia, Silvia Paes, a diretora desse grupo, parou o ensaio e chamou os três Lucas e disse que não iria funcionar, precisavam arrumar um apelido.

Ele nunca teve um apelido relevante em sua vida; sempre foi chamado pelas suas tias de Luquinhas, pela sua irmã de idiota e de Luquete por sua irmã mais velha. Obviamente, ele não queria ser chamado de Luquete pelas pessoas, então continuou pensando em um apelido.

Certo dia, na aula de Geografia, estudando sobre as classificações raciais do IBGE, ele vira pra sua amiga que estava do seu lado e fala pra ela que ela é preta. Ela olhou para ele rindo e disse que se ela era preta ele também era. E assim passaram o resto do ano se chamando de Preto e Preta. Lucas conta essa pequena história para o grupo de teatro, todos acharam um ótimo apelido e acabaram também chamando o garoto de Preto.

Até assumir o nome Preto foi um grande processo de aceitação. Ele morria de vergonha de se apresentar como Preto. As pessoas riam. Mas, ao perceber que o simples fato de ser um nome diferente, isso o tornava especial e aos poucos o apreço pelo apelido vai surgindo.

Então, surge Preto, uma mistura de Lucas com o teatro, a mistura de um adolescente que ao entrar em contato com as artes cênicas se vê em processo de transformação; uma transformação que só o teatro proporciona.

Não afirmo que o teatro na época escolar tornou Lucas um aluno exemplar. Continuou tirando notas baixas nas disciplinas, ia sempre pra direção para conversar demais e matava aula com frequência pra ficar conversando na lanchonete em frente a escola. Mas o teatro na época escolar fez o garoto entender o seu lugar. Entendeu que precisava se afirmar, que precisava se aceitar, que ele podia falar o que pensa, que não precisava se esconder em padrões que eram impostos. E pra ele esse é o maior ganho que teve com teatro. Logo o teatro também pode ser representado pelo número 1.

Assim, como todo mundo sabe que a simples conta matemática $1+1=2$. Ele sab³ que $\text{Lucas}+\text{Teatro}=\text{Preto}$.

2- O Terceiro ano

Estamos no ano de 2015, 17 anos, no terceiro ano do ensino médio. O acúmulo de matérias, as avaliações do PAS¹, o ENEM⁴ chegando e a cobrança de escolher algo para cursar no ensino superior faziam as dúvidas e medos gritarem na cabeça do adolescente Lucas.

No início do ano, Lucas recebeu um convite de um de seus amigos de infância para fazer uma oficina teatral, nunca tinha feito nada relacionado a isso, sempre teve muito gosto pelo fazer artístico, liderava as equipes de gincana, montava peças sempre que podia nas apresentações de trabalho da escola, mas nunca tinha buscado aprofundar esse interesse, até que resolveu aceitar esse convite.

O curso acontecia na Escola Parque em Brasília. Ele nunca tinha entrado nessa escola até então. O espaço coloria a visão com tamanha diversidade de desenhos, esculturas, pinturas e cores que haviam no espaço. O barulho das crianças dentro da sala de aula com

³ Processo seletivo de avaliação seriada dividida em três etapas para o ingresso na Universidade de Brasília ao final de cada ano no ensino médio.

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio.

aqueles gritos agudos que saiam esporadicamente pelo som que rondava o espaço. O sorriso de Lucas se abria ao caminhar até o auditório onde suas aulas aconteciam. A escola sempre foi muito calorosa ao receber um grupo de 16 adolescentes em meio a quantidade de crianças que tinha na escola.

O auditório gelado era palco de muitas brincadeiras, jogos, cenas e emoções. Lá, com os pés no piso de madeira, eles criaram um espaço para a aceitação e criação para um mundo de possibilidades. As cadeiras coloridas se enchiam de mochilas que assistiam de boca aberta os 16 jovens fazerem arte num palco retangular com paredes pretas. Os gritos que eles soltavam ecoavam pelo espaço durante os exercícios; ecoavam tanto que o vidro da salinha de iluminação vibrava. Os camarins que ficavam atrás do palco eram uma espécie de refúgio para eles, mesmo quando não estavam em cena, aquele auditório fazia os jovens transbordarem arte.

Lá, naquele auditório, o grupo *Leve Supra Cena* ganhava vida duas vezes por semana. Esse grupo era liderado pelos, na época mestrados e hoje mestres: Aline Seabra, Hugo Nicolau e Ricardo Cruccioli. Com eles, tiveram a primeira experiência com a linguagem teatral e o contato com uma montagem. Quando apresentaram o espetáculo resultado final da oficina chamado “Dispa-se”, uma mulher também mestrada na época e hoje mestre chamada Silvia Paes estava na plateia. Encantada com a atuação dos jovens amadores voltou naquele auditório alguns dias depois e fez um convite ao grupo: ela gostaria de fazer sua pesquisa de mestrado com eles e consequentemente uma montagem teatral.

Lucas nunca tinha visto nem ouvido falar daquela mulher na sua vida. Os três professores se referiam a ela como um “ícone” da cena teatral brasileira. O grupo todo se animou e aceitou sem pensar duas vezes para fazer a oficina. Ao saber que o grupo participaria, ela, então, começa a explicar sobre o que seria a pesquisa. É aí que surge um nome que o garoto nunca tinha ouvido falar, mas que hoje tem tamanha importância em sua vida: Augusto Boal. Ela começa a falar sobre um tal de teatro-fórum, de uma árvore, do Teatro do Oprimido; coisas sobre as quais Lucas não tinha nenhum conhecimento, mas a curiosidade se tornou gigante naquele momento.

E naquela mesma escola, no pequeno teatro de arena que fica ao lado do auditório, os jovens se encontravam. Com o passar do tempo, saíram alguns jovens, entraram outros, até que 12 adolescentes firmam seu lugar naquele espaço. E assim surgiu o grupo *Oprieram*; “opri” de opressão, “eram” de não existir mais, Opressão? Não, *Oprieram*.

3- A succulenta

O sol raiava tanto nas tardes de quinta-feira no telhado cinza da escola onde o teatro de arena ficava. O numeroso grupo de jovens adolescentes se alongava no chão gelado. Uma voz feminina grave o bastante para chamar a atenção dos alunos surge pelo espaço. Todos prontamente se espalham e começam a fazer suas abdominais diárias. Seus gemidos de dor faziam a mulher que andava com um cabo de vassoura na mão dar um pequeno sorriso de prazer. Isso não fazia dela uma pessoa má, era apenas a sua forma de demonstrar que o trabalho estava dando certo, pelo espaço ela via aqueles cabelos cacheados, lisos, vermelhos e azuis irem pra frente e para trás naquele movimento de ritmo frenético que faziam os músculos queimarem.

O bastão de madeira que tirou de uma vassoura que estava ali no canto não servia para punir quem não fazia os abdominais direito, pelo contrário, ele era um instrumento muito necessário para deixar todos concentrados e aquecidos. O bastão voava pelo espaço passando de mão em mão em uma velocidade que fazia qualquer desavisado que estivesse no local levar um galo na cabeça. A agilidade era testada a todo o momento. O suor escorria na nuca de todos que estavam na sala. Estavam prontos para realizar os famosos e tão bem falados jogos do Augusto Boal.

Um círculo é formado no centro do espaço, respirações ofegantes eram sentidas, aqueles olhos focados estavam atentos para qualquer que fosse a proposta. O primeiro passo é dado; a mulher que estava com o cabo na mão entra no meio da roda; todos estão atentos com o olhar fixo nela. Com um movimento rápido ela põe as mãos na cintura e ao mesmo tempo que rebola de um lado pro outro diz: “Silvia, Succulenta”. Todos riem ao mesmo tempo que ficam sem entender; até que ela explica o exercício: todos deveriam na sua vez entrar no círculo, fazer um movimento, dizer seu nome e um adjetivo com a primeira letra do seu nome. Ao final, o grupo todo repetiria o movimento e a fala. O processo se deu até que todos realizaram a atividade. Depois, Silvia contextualiza o grupo sobre o que eles estavam fazendo; sem saber, todos tinham acabado de realizar um jogo do Boal chamado o “Batizado Mineiro”.

Todos os dias, Silvia entra no auditório com um grande sorriso, conversando e rindo com todos, mas ao dar 14h rapidamente quer todos preparados para começar a trabalhar. “Andando pelo espaço”, ela grita com sua voz grave. Quase que instantaneamente o grupo ocupa o espaço, tentando não deixar nenhum lugar vazio. “Quando eu disser pra parar, vocês continuarão andando; e se eu disser para andar, vocês param”. Ao surgirem os comandos, os

erros, as carinhas confusas e perdidas apareciam; algumas risadas tomavam o local. À medida que o jogo ia seguindo, os comandos iam se dificultando. “Se eu disser para pular, vocês agacham, e se eu disser pra agachar vocês pulam”, disse Silvia. Em um determinado momento, aquele sorriso é visto no canto da boca da Silvia. Ninguém estava mais errando. Esse era o jogo: “Contrário de Jackson”.

A roda é feita. Todos ofegantes com o aquecimento inicial se encaram com os olhares quase arregalados de tão fixos. Dois grupos são divididos e cada um recebe um tema que só o grupo sabe qual é. Uma imagem deve ser construída a partir desse tema em três partes: a primeira uma imagem congelada por segundos; a segunda por outra imagem congelada diferente da primeira; e a terceira uma imagem em movimento terminando no congelamento. Após a apresentação, um grupo deveria adivinhar o tema um do outro. Todos dão palpites diferentes até que acertam o tema do primeiro grupo: shopping. O segundo grupo também acerta o tema do outro grupo: praia. As imagens são construídas com estereótipos e clichês que são necessários para o entendimento da imagem, esse exercício era trabalhado em outros momentos, sempre indo cada vez mais dentro da temática que iam trabalhar, a opressão .

A hora do lanche era sempre uma grande bagunça, todos comendo e conversando, alguns ficavam no palco pulando e inventando estripulias coletivas. As risadas sempre infestavam o espaço. O lanche era sempre levado pela Sílvia: o pão com margarina fazia um sucesso absurdo; alguns corriam direto pro pacote de biscoito, mas o que era indispensável ter era o café.

As rodas que eram feitas ao final do ensaio tinham tudo pra ser um desânimo, devido ao cansaço de todos. Mas ao contrário disso, o grupo tinha cada vez mais energia e empolgação para comentar o dia de ensaio. Todos falavam algo; sempre tinham algo para comentar e queriam cada vez falar mais, compartilhando suas percepções. O ensaio era sempre finalizado com a Silvia dialogando e refletindo sobre o ensaio e como tudo o que os jovens faziam ali se encaixava com sua pesquisa. O nome do Boal era usado constantemente e todos já tinham criado uma grande admiração. Ao final todos dão as mãos, se olham e com sua voz grave Silvia grita: “Opressão?”. E o grupo num som uníssono responde: “Não, Opriaram”. Assim, aos gritos, os dias de oficina terminavam e cada um partia para sua casa com um sorriso no rosto e lembrando do dia que teve. Todos ansiosos para que os próximos dias chegassem.



Fonte: Lucas Lima Campos (2015)

3.1 - A sábia mulher da árvore

É possível concluir que um desenho de uma árvore fez Lucas entender como a arte e a política são convergentes.

Ela pega o computador, o slide e projeta na parede do teatro um desenho de uma árvore, era um desenho simples e talvez até meio tosco. O desenho consistia em três raízes, um tronco e cinco galhos com várias coisas escritas. Ele ainda não entendia o que aquelas palavras queriam dizer; a curiosidade começou a tomar conta do local; vários adolescentes interessados em entender o mistério que existia por detrás daquela árvore. Após a finalização dos preparos, ela começa a nos explicar o que aquele desenho significava. “A árvore do Teatro do Oprimido”, esse era o nome daqueles rabiscos pretos na parede.



Fonte: Retirada da internet.

A árvore serve como um simples recurso imagético para entender as plurais vertentes do TO⁵. É explicado que cada galho é correspondente a uma técnica criada por Boal e que o conjunto de todas elas formam a estética do teatro do oprimido, conforme imagem acima.

As palavras economia, filosofia, história, sociologia, ecologia, política e ética cercavam as três raízes. Silvia nos explica que Boal utiliza essas palavras como o que alimenta a árvore, os nutrientes necessários para que o TO seja forte e consiga se manter firme. Esses nutrientes são os saberes humanos que estão presentes na sociedade. As raízes entram no desenho como a ação que vai concretizar o TO; por meio do Som, da Palavra e da Imagem, por assim dizer, os meios “teatrais” de fortalecer a árvore. Silvia agora passa a explicar sobre a fortaleza do TO, seu corpo, seu tronco. Nele, estão os Jogos, que consistem nos exercícios criados por Boal para que quem praticasse pudesse fortalecer seu discurso, compreender as funções sociais que o próprio Boal propunha e elevar o fazer teatral. Ali, naquele momento, compreende o que estavam fazendo na oficina até então: os exercícios retirados do livro do próprio Boal, *Jogos para atores e não atores* (1992). Estes jogos eram sempre passados para os jovens e Lucas já tinha reparado que os jogos sempre faziam refletir

⁵ Abreviação para Teatro do Oprimido.

sobre as questões sociais em que estavam inseridos. O mais interessante é que tudo partia do ponto de vista deles; as discussões geralmente sempre se encaminharam para suas indignações, suas vivências e percepções.

Até que chegaram nos galhos da árvore; o primeiro a ser apresentado foi dito como o mais importante para eles naquele momento: o galho do Teatro-fórum. O enfoque dado para esse galho era devido ao espetáculo que iam montar, que consistia no conceito do fórum. Esse galho basicamente se refere a produção de uma encenação baseada em fatos reais, ou seja, relatos encenados de experiências pessoais que estavam levantando, recolhendo através dos jogos. Uma encenação de Teatro-fórum consiste na apresentação de um conflito entre um oprimido e um opressor que defendem seus interesses e desejos. Esse conflito é apresentado aos espectadores e o oprimido fracassa na disputa com seu opressor. Em seguida, a “quarta parede⁶” é quebrada para que o público tome o lugar do oprimido e apresenta novas soluções para o conflito, invertendo assim a situação de opressão apresentada pela cena-fórum.

O segundo galho era o do Teatro-imagem que consiste na construção não verbal de imagens que representam a realidade, por exemplo a palavra “família”, no qual o ser atuante expressa através do corpo o que a palavra significa para ele, podendo surgir diversas interpretações para quem visualiza a imagem.

O próximo galho que é mostrado pela Sílvia é o do Teatro-jornal. Esse galho tem seu surgimento diretamente ligado um contexto histórico marcado pela censura que ocorria no período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). o teatro-jornal consistia na encenação de notícias que foram censuradas nessa época. Ainda hoje o teatro-jornal é utilizado como forma de explicitar as manipulações midiáticas que estão presentes nos acontecimentos.

Já o galho do Teatro-legislativo tem o mesmo princípio do Teatro-fórum. A diferença é que a partir de uma encenação de teatro-fórum é elaborada uma proposta de lei para ser levada para uma assembleia legislativa ou para o congresso. Sílvia relata, então, algo interessante sobre a vida de Boal: ele já se candidatou e foi eleito como vereador de sua cidade, o Rio de Janeiro, e através do Teatro-legislativo elaborou XX propostas de leis, das quais XX foram aprovadas⁷

O Teatro-invisível foi muito marcante para Lucas pela ênfase que foi dada para o nome correto: não era teatro “do” invisível e sim Teatro-invisível. O engraçado era que o tempo todo eles falavam o nome errado e eram sempre corrigidos por Sílvia. No

⁶ Termo de André Antoine presente no livro *Conversa sobre a encenação*.

⁷ Do Teatro Legislativo saiu a proposta que resultou, em 1997, após o final do mandato de Boal, a Primeira Lei Brasileira de Proteção às Testemunhas de Crimes, que inspirou a Lei Federal de Proteção às Testemunhas, a Lei nº 9.807/99.

teatro-invisível é feita uma encenação nas ruas sem que as pessoas saibam que é teatro, o importante dessa vertente é que o espectador comente, reaja, opine, interfira de forma espontânea sem saber que se trata de uma cena teatral.

Por fim, foi explicado o Arco-íris do Desejo, que de forma simples, é um conjunto de técnicas terapêuticas e teatrais que eram aplicadas em pessoas internadas, buscando despertar a opressão em que o oprimido tem seu próprio opressor interno.

Ao fim da explicação, diversas perguntas do grupo de adolescentes curiosos foram surgindo; os olhares curiosos estavam fixados na Silvia que respondia com calma essas dúvidas. O grupo sai ao final do dia entendendo melhor o que estavam experimentando na prática todas as terças e quintas, ainda mais curiosos com o que surgiria.

4- Iniciando

Desde o início eles sabiam que iriam trabalhar com Teatro-fórum. Agora precisavam levantar material para produzir o resultado final. Foi pedido uma cena individual para cada um, na qual deveriam contar alguma história de opressão na infância. Logo de imediato Lucas mergulha em seus pensamentos e memórias em busca de qualquer fragmento de alguma opressão que tenha vivido ou presenciado.

Sua ideia é retratar um episódio vivido em um dia obscuro de sua infância, quando presenciou uma cena de violência doméstica. A estrutura da cena é simples e fácil de ser memorizada, a cena foi ensaiada poucas vezes, mas Lucas estava confiante que poderia realizar um ótimo trabalho.

Chegado o dia de apresentar as cenas criadas para o espetáculo, todos se sentam no chão do teatro de arena para assistir as cenas que produziram. Ao olhar pelo espaço é possível ver figurinos, maquiagens nos rostos ansiosos e alguns elementos cênicos ou adereços e elementos cenográficos. A voz grave da diretora toma conta do espaço. Quem seria o voluntário para apresentar a cena primeiro? Sem pestanejar a mão de Lucas toma o ar, ele será o primeiro a apresentar. Ele toma seu lugar; a atenção de todos se voltam para o palco onde Lucas está se concentrando e repassando em sua mente toda a cena e falas repetidamente. O silêncio toma conta do local até que todas as luzes se apagam e sua cena começa.

Uma lanterna ilumina seu rosto que está atrás de um véu azul de tecido transparente, as falas saem de sua boca com aquela voz infantil, na esperança de que ela seja parecida com a de uma criança de cinco anos. Em volta do seu braço está uma boneca que não sai de perto

da sua barriga. A voz infantil pede quase como uma súplica para que “ele” se afaste “dela”, ao que todos entendem “ele” está batendo “nela”. Num impulso Lucas agora como a criança de cinco anos lança uma lata de um achocolatado no ar acertando “ele”. O silêncio que se faz na cena congela o espaço, com uma lágrima escorrendo pelo rosto a criança tira a boneca da frente de sua barriga e revela aquela mancha vermelha.

Os aplausos tomaram conta do espaço e logo todos comentaram sobre o que acharam da cena. O que mais agrada a todos é a revelação da mancha vermelha atrás da boneca. É o primeiro elemento que teriam no espetáculo.

As outras cenas são apresentadas no mesmo dia uma seguida da outra, fazendo o início da montagem ganhar forma. Ao final das apresentações, são definidos os elementos extraídos das cenas que estarão presentes na montagem, as cenas serão montadas seguindo esses elementos.

5- O produto final

Os ensaios começaram a ficar estressantes. Estavam na reta final para apresentar; agora o grupo tinha migrado para o auditório, deixando o teatro de arena de lado. De um lado, era possível ver as camisas brancas que o próprio Lucas ficou encarregado de levar sendo manchadas de vermelho no centro. Do outro lado, uma outra parte do grupo carregava as cadeiras que seriam usadas em uma cena. Os adereços de cenas eram arrumados nas laterais do palco; tudo isso acontecendo enquanto Silvia sentada em uma cadeira do auditório orquestrava tudo com ordens que eram ouvidas e acatadas rapidamente.

O espetáculo *Transições de Impacto* nasceu da entrega desses jovens e dessa mulher que levava sua pesquisa com esses adolescentes. Um espetáculo que trazia um pouco da história de cada um deles.



Fonte: Grupo Oprieram (2015)

A estrutura do *Transições de Impacto* era bastante conhecida pelo Lucas, passando por lugares como violência dentro de casa, de abandono, de *bullying* e de violência sexual. Todas essas temáticas divididas em 23 cenas curtas, onde a última era intitulada de “O confronto” era uma cena-fórum, a cena consistia no confronto onde a figura de uma avó era a opressora e a do neto como oprimido. A avó falava para o neto o seu desgosto com o garoto e o quanto o odiava pelo simples fato de ele ser filho de sua filha, dizia que só o tinha criado por não ter opção e que se pudesse já o teria abandonado. A cena se passava em uma cozinha, ao final, depois de todo o discurso da avó para o garoto ela oferece um pão com manteiga para o garoto, joga no chão e pisa obrigando o menino a comer, e assim a cena era pausada pela Curinga⁸.

Os atores que realizavam a cena-fórum foram bastantes treinados para as possibilidades que poderiam surgir durante a interação com o público no final, em busca de soluções para situação de opressão. Os atores que não estavam em cena nesse momento entravam em cena durante os ensaios para improvisar outras possibilidades de final para a cena.

A identificação que Lucas sente pelo espetáculo chega a ser latente em seu coração; o desejo de fazer as apresentações darem certo se tornou seu maior foco durante os ensaios que cada vez mais se aproximavam das apresentações.

⁸ explicar termo

5.1- MERDA!

A ansiedade toma de conta do ambiente, o momento de mostrar para um público o que eles tinham produzido tinha chegado.

É possível ouvir o barulho da plateia que aguardava ansiosamente do lado de fora do auditório, enquanto do lado de dentro os 12 jovens e a diretora de mãos dadas em um círculo perfeito trocavam olhares. O coração de Lucas pulsava bastante nesse momento, tanto que ele não saberia nem dizer o que estava pensando. Ele olhava para seus amigos que provavelmente também estavam com o coração pulsando tão rapidamente quanto o dele.

Todos obedecem o comando da diretora que pede que o pé direito vá pro centro do círculo. É possível sentir a energia fluir de uma mão para a outra num fluxo contínuo; o sorriso de todos começa a surgir, e todos gritam de forma uníssona como uma forma de canalizar toda a energia para o espetáculo que estão prestes a apresentar: “MERDA!”.



Fonte: Lucas Lima Campos (2015)

As portas do auditório se abrem, as pessoas começam a entrar, assim se inicia o espetáculo. O público sentado em silêncio assiste atentamente a cada cena. Dá para perceber a entrega de cada ator e atriz que está em cena. A cena-fórum chega e Sílvia entra como

Curinga, e assim o público começa a entrar em cena para dialogar sobre a temática proposta na cena. O espetáculo é finalizado e a última fala de todos é cantada “Aja com a Paz! Aja com a Paz!”.

6- Reverberou em mim

Eu, Lucas, eu, Preto, eu, transformado, eu, ser transformador. O processo teve um grande impacto na vida do jovem Lucas. A perspectiva de vida que esse jovem tinha não era muito excitante. Ele se encaminha para algo que nem ele sabia ao certo se era o que ele queria e nem o que era.

Após a oficina, e todo aquele amor por TO, o jovem Lucas embarca na tentativa da vida acadêmica, o curso escolhido? Obviamente: Artes Cênicas. Agora onde ele faria esse curso? Obviamente sua primeira escolha era a Universidade de Brasília, uma vez que suas maiores referências de artistas, naquele momento, eram de lá, ou seja, Lucas queria ser como um deles.

Após a aprovação na universidade, seu foco foi ganhando forma. As perspectivas de como encaminhar a sua graduação foram aparecendo. Mas o TO era pouco lembrado ou visto na graduação, diversas vezes o olhar eurocêntrico ganhava o foco. A disciplina onde Boal realmente foi lembrado e enaltecido como um grande nome para o teatro foi a de Teatralidades Brasileiras com a professora Lidia Olinto, a disciplina teve como enfoque a história do teatro brasileiro e entre os nomes citados o do Boal estava no meio. Infelizmente não tiveram a oportunidade de fazer experimentações práticas das técnicas do TO devido ao tempo curto e a demanda do curso.

Lucas percebe, então, que falta TO na sua vida. Onde andava todo aquele ganho que teve em 2015 com todos aqueles exercícios e reflexões? Ao fazer uma reflexão, ele percebe onde naquele exato momento ele se encontra: atuando como membro do Centro Acadêmico de Artes Cênicas, participando ativamente das greves estudantis que estavam estourando no momento. Percebe que sua percepção política está mais viva que nunca, lutando cada vez mais pelo que acredita. Se tornou engajado, preocupado, forte e articulado, ou seja, atuante politicamente nas esferas possíveis.

Sua certeza ao entrar na universidade é a licenciatura com o desejo de trocar e de poder fazer que jovens secundaristas tivessem uma experiência no teatro similar à que ele teve. Essa ideia aquece o coração sempre que a licenciatura entra em seu pensamento. Logo durante a graduação, Lucas percebeu que isso seria mais difícil do que ele imaginava.

Percebe as diversas problemáticas que existem hoje nas escolas, principalmente para um professor de artes: a falta de estrutura, a falta de materiais e o frequente não apoio das escolas para as ciências humanas. Esses são alguns dos aspectos com os quais Lucas se depara e o faz refletir sobre o seu lugar como futuro Licenciado.

7- Lorena, Yandara e Gabriel

Junto com Lucas nesse processo, outros três jovens ganham destaque nessa pequena história que narro aqui: Lorena, Yandara e Gabriel. Eles estavam desde o começo, lá no início de 2015 quando o grupo Leve Supra Cena foi criado. Estavam quando a Silvia se encantou pelo grupo e fez o convite para o novo processo; estavam quando tudo foi criado e juntos estavam decididos a entrar na universidade para cursar Artes Cênicas.

Esses jovens compartilham de um sonho parecido com o de Lucas. Juntos eles se apoiam e desejam sorte um para o outro. São como um trevo de quatro folhas: são sorte, são únicos e são raros.

7.1- Jiló

Sabe aquelas pessoas meigas e aleatórias? Lorena sempre foi essa pessoa. Sua entrada no grupo de teatro se deu pela simples e plena aleatoriedade. Ao entrar em uma fila que nem ela sabia para que servia, escreveu seu nome na lista e só então percebeu que tinha feito a inscrição para algo que nem ela mesmo sabia se queria. E assim sua caminhada começa.

Nela é possível perceber com muita clareza algo que todos os jovens têm: a necessidade de ser aceito e de fazer parte de um grupo. Num lugar repleto de apelidos, ela queria ser incluída; então, surge a Jiló, Ló de Lorena.

Jiló sempre foi uma garota forte que não sabia para onde canalizar sua força. Ao canalizar para a arte ela fazia algo que a maioria dos jovens do grupo queriam ter: brilho, presença e muito talento.

Ela entra na universidade, uma nova estudante de Artes Cênicas conhecendo um novo ambiente de possibilidades, e lá ao entrar na oficina de teatro das oprimidas* ela encontra mais uma vez o TO na sua caminhada.

Ter contato com o TO a fez ter uma clareza sobre o entendimento do outro, para que não ficasse ensimesmada, ela considera que o TO foi um norte para seu entendimento político.

No grupo Oprieram ela percebia que toda essa questão política estava latente pois nas cenas criadas eram levantadas questões como racismo, violência doméstica, abuso e entre outros tópicos que até os dias atuais estão em debate.

7.2- Dara

Focada e determinada sempre foram os adjetivos que definiram essa grande garota. A certeza de onde ela queria chegar era latente em suas ações e atitudes. No grupo Oprieram (nome que a própria deu a sugestão) suas ideias e visões eram sempre ouvidas, algo que nunca fez seu nariz levantar como um sinal de ego ou metidez, pelo contrário, a humildade é a sua maior virtude.

Aquela pequena menina de cabelos azuis sempre pronta para qualquer coisa. Toda e qualquer proposta ela era a primeira a testar. Seu sorriso sempre aparecia ao realizar um exercício. Realizada por estar no palco, ela traça seu caminho para a arte e assim ela entra na universidade, com o desejo de alcançar o mundo.

Ao pensar no Teatro do Oprimido, seu maior aprendizado pelo que é eternamente grata, foi compreender que o mundo não gira em torno de si e que é preciso escutar, entender, conversar e ser empática com as pessoas. Com isso acabou por se tornar alguém que se importa com o próximo, que não tolera nenhum tipo de preconceito, que luta por direitos em qualquer espaço, que busca proteger aqueles que pode e assim, se tornou cada vez mais um ser político sem perceber.

Ao entrar na faculdade com esse senso político aflorando, sentia que precisava estar em lugares onde pudesse fazer alguma diferença, como por exemplo o Centro Acadêmico. Se não fosse pelas várias ocupações que tinha fora da universidade, tinha se dedicado mais ainda a lugares de liderança.

Então a menina Yandara se torna a mulher Dara. Sua força agora deixa de ser apenas interior e se torna exterior, pois ela se encontrou nas artes circenses. Seu desejo hoje é ver seu progresso a cada dia mais.

7.3- Paulin

A militância sempre foi o forte dele, é lindo refletir sobre a caminhada dessa pessoa que entende muito bem seu lugar na política. O conhecimento sempre foi seu forte e fica

visível pela forma como ele dialoga suas referências com seu fazer artístico. Sua vivência política foi muito bem canalizada ao entrar em contato com o TO.

Dos 4, nele é possível observar mais como a arte e a política não são dissociáveis. Ele é o retrato de como um adolescente encontra na arte uma forma de entender seu lugar como indivíduo na sociedade.

Hoje um graduando de Artes Cênicas na Universidade de Brasília, de futuro licenciado para uma *drag queen* de sucesso, de presidente do centro acadêmico do curso para um simples jovem que sonha em um dia viver em uma sociedade que não seja repleta de injustiça e preconceitos, sua forma de luta é a educação.

Ele entende que a reverberação do seu fazer artístico é influenciada pelo TO pois é impossível desassociar o seu posicionamento político com a arte que ele acredita como afirmativo e um trabalho pedagógico.

CAPÍTULO 2 – CURSO NO CTO DO RIO DE JANEIRO

1 - Os três incômodos

Na reta final da sua Graduação, Preto se depara com o desejo de pesquisar sobre o TO, então encorajado por sua orientadora a se aprofundar ainda mais nessa temática ela sugere que ele vá realizar um curso de verão no coração do teatro do oprimido.

A ansiedade acelera o coração do jovem Preto quando o avião pousa. Aquela sensação de frio na barriga ao colocar os pés no solo da famosa cidade maravilhosa se mistura com o frio que vem com a chuva que recepciona o garoto como um sinal de boas vindas.

Os três primeiros dias foram regados de praias, festas, comidas, pontos turísticos e tudo o que aquela cidade tinha para oferecer. O sotaque que ouvia se tornava tão prazeroso que Preto tentava a todo custo imitar o mínimo que fosse. As paisagens paradisíacas regavam a cidade com tamanha imponência. O verde das árvores e morros que rondam o espaço ficavam mais vivos conforme o jovem tentava absorver cada detalhe com seu olhar rápido e curioso, enquanto o sol forte queimava seus ombros, deixando eles cada vez mais vermelhos pela falta de protetor solar.

Enquanto Preto voltava da praia pelas ruas tortuosas da cidade, com os pés sujos de areia e a pele salgada da água do mar, ele observava a boemia sentada em bares tomando cerveja, andando pela calçada com sacolas de compras e passeando com seus enormes cachorros peludos de raças que ele provavelmente não saberia nomear. Quanto mais observava surgia nele um incômodo que ficava difícil de ignorar, a cidade era muito branca.

Preto andava pela zona sul da cidade, e observava que em sua volta quase só havia pessoas brancas. Mas onde estariam as outras pessoas com tons de peles diferentes? Onde estavam os negros e as negras? Onde estava a diversidade da cidade naquela região repleta de burguesia que dominava o espaço com seus privilégios? A resposta era muito simples: havia sim negros e negras pela região, mas eles estavam atrás dos balcões das lanchonetes de *fast-food* lotadas, estavam empurrando carrinhos de bebês com crianças que obviamente não eram suas, enquanto os pais andavam na frente tomando uma deliciosa água de côco, estavam com aventais amarrados na cintura carregando bandejas com copos pro alto num jogo de equilíbrio pelo restaurante onde trabalhavam. Essas pessoas passavam despercebidas nesses locais, se tornavam invisíveis, mas não para Preto. Esse se torna o primeiro incômodo.

Ele acorda cedo, toma seu banho e parte para sua aventura pelo centro da cidade. Aqueles prédios enormes que seguem pelas ruas estão fechados, e, nas suas grades e portas,

moradores de rua dormem em papelões cobertos por mantas velhas e rasgadas. A cidade parecia suja, largada, escura e repleta de pessoas invisibilizadas “zanzando”. Esse se torna o segundo incômodo.

Chegando num ponto turístico no centro da cidade, onde barcos estavam por toda a volta ancorados, Preto vê um amontoado de pessoas atentas olhando para um prédio da marinha. Todas elas filmavam soldados em formação com suas roupas brancas, segurando seus instrumentos de fanfarra. Estavam aguardando alguém sair do prédio. Preto tentava a todo custo entender quem era a tão aguardada pessoa que todos esperavam atentamente. Então ele ouve o nome, aquele nome que ele nunca achou que ouviria naquele momento.

Preto mora na capital do país, está acostumado a ouvir piadinhas referente aos políticos que estão pela cidade, mas Preto nunca viu um político andando pelas ruas brasilienses. E justamente lá, em sua viagem, onde ele nunca esperava que veria essa pessoa, surge aquela imagem que Preto tanto tem repulsa. Acenando para as pessoas que filmavam e gritavam, estava ele, o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Aquela pessoa que é contra tudo o que o Preto acredita, aquela pessoa que tem discursos homofóbicos, racistas, machistas e classistas. A última pessoa que o Preto gostaria de ver, e justo naquele dia. E esse se torna o terceiro incômodo.

Sabe quando você compra uma roupa nova e esquece de cortar as etiquetas? Geralmente elas pinicam e causam uma irritação muito grande. Preto sentia que todos esses incômodos que ele teve durante sua viagem eram como uma grande etiqueta, mas que não podia ser removido rapidamente com uma tesoura como a etiqueta de uma roupa. Ele teria que conviver com eles e tentar achar uma tesoura que vai cortando tudo isso aos poucos.

2 - A linha do tempo

Turistas tiravam fotos freneticamente nos arcos da Lapa, enquanto Preto passava depressa procurando o endereço do lugar que ele ansiava tanto em conhecer. Lá com vista para os turistas e seus celulares erguidos contra a luz estava a placa. Toda preta com letras brancas e a imagem de uma mulher gritando. Por um breve momento ele sentiu um arrepio e nervosismo.

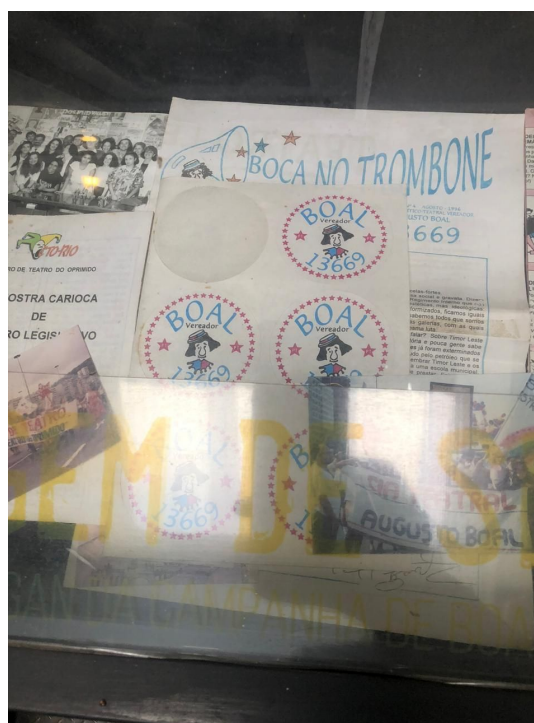


Fonte: Lucas Lima Campos (2020)

Preto tinha chegado uma hora antes do horário marcado, mas ele não tinha mais pra onde ir e em volta tudo estava fechado. Então lá era o único lugar em que ele poderia ficar naquele momento. Seu dedo pressiona o botão do interfone enquanto aguarda ansiosamente alguém responder. Até que surge uma voz suave e cheia de sotaque que libera sem pensar duas vezes a entrada do garoto.

O lugar era simplesmente o Centro de Teatro do Oprimido ou, como carinhosamente é conhecido, CTO. O CTO em 2019 completou 33 anos de existência, fundado por Augusto Boal juntamente com Darcy Ribeiro após o término do regime militar. Aquele lugar respirava História na cara de Preto.

Ao subir as escadas que iam até o último andar em sua forma circular ele via *banners*, quadros e fotos do Augusto Boal, o fundador daquele lugar que cobria o espaço com seu majestoso sorriso sereno. Pequenas salas abrigam pequenas exposições diversas com momentos históricos que aquele local presenciou, dentre elas itens, imagens e reportagens da época da candidatura de Boal para vereador.



Fonte: Lucas Lima Campos (2020)

Flores, vestidos e estampas enchiam a salinha minúscula que guardava as memórias do Grupo de Teatro do Oprimido “Marias do Brasil”, o grupo fundado em 1998 (que por coincidência foi o ano de nascimento de Preto) e formado por trabalhadoras domésticas. Este grupo tinha em seu legado cinco espetáculos teatrais. E lá, na frente de Preto, estava um pouquinho delas. As fotos e imagens das mulheres gritavam em suas vistas, sorrisos e cabelos em movimento nas imagens que foram registradas de suas montagens teatrais.

O grupo Marias do Brasil se apresentou e a primeira coisa que chamou a atenção de Boal foi que, além de serem todas empregadas domésticas, as treze participantes se chamavam Maria. Segundo Boal, todas estavam ansiosas, pois nunca haviam pisado em um palco italiano. Tudo surpreendia as mulheres: o cuidado dos técnicos com a luz, com o figurino, com o som. Era algo inédito para as domésticas. ZANETTI (2015)



Fonte: Lucas Lima Campos (2020)

Estar na sede de algo que fez parte da vida adolescente de Preto tem o frescor de novidade com a mistura de nostalgia. A vontade de absorver o máximo de informações possíveis naquele local fica até divertido para ele. A maior sala era onde o curso iria acontecer. O espaço gelado seria o abrigo de Preto por dois dias consecutivos na esperança de aprofundar seus conhecimentos sobre os jogos no Teatro do Oprimido para seu trabalho de conclusão de curso (TCC).

A sala gelada que estava vazia devido ao adiantamento do Preto no seu horário de chegada tinha algo curioso. Ao fundo, presa do teto até o chão, tinha uma cortina vermelha que escondia um pequeno palco, cenografias e adereços de cena se amontoavam. Nesse palco formando uma montanha de objetos diversos que por pouco não tocava o teto, ao canto, uma pequena mesa com produtos etiquetados que estavam à venda, mas o que mais chama a atenção de Preto são os escritos na parede.



Fonte: Lucas Lima Campos (2020)

Os números diversos que formavam datas seguiam por toda a sala formando a linha do tempo da criação do TO até os dias atuais. Essas datas seguiam toda a trajetória de Boal e todo o seu legado deixado após sua morte. As linhas que seguiam pelo espaço com datas, fotos e pequenos escritos fogem da atenção do garoto, enquanto as outras pessoas que também iriam fazer o curso entram na sala. As informações ficam jogadas na sua mente e ele passa a ignorar tudo para observar a diversidade de pessoas que estão presentes. Mulheres e homens mais velhos dominavam a sala; muitos deles negros. Algumas pessoas liam a linha do tempo estampada na parede, outras sentavam ao chão esperando a oficina começar. E Preto observava aquelas pessoas em silêncio em seu canto.

Com a chegada das duas Curingas, o grande grupo de mais ou menos umas 25 pessoas senta ao chão em uma grande roda, e a atenção se volta para as duas mulheres que iriam ministrar a oficina. Elas se apresentam de forma tranquila.

3 - Oficinando

Sabe quando você conhece alguém e a sua energia não bate muito com a dela? Aquele momento que você conhece alguém, não tem nada contra ela, mas simplesmente a sua energia não entra em sintonia? Com a curinga Marcela Farfán foi exatamente assim. A primeiraicineira a se apresentar e a dominar o local com sua fala, mulher que obviamente

não era brasileira devido ao seu sotaque carregado de algum país da América Latina. A firmeza com que falava parecia soar até um pouco como arrogância para o Preto. Ela comentava sobre toda a sua experiência com o TO, suas peças e trabalhos; o que para o jovem não fazia muita diferença. Ao ter esse pensamento de “ranço” da mulher, Preto tenta não parecer prepotente e colocar seus julgamentos à frente da sua curiosidade e dos seus estudos que já haviam começado.

A segunda mulher que aplicaria a oficina começa sua fala de forma doce e meiga. Uma senhora negra que tinha uma voz esganiçada e fanha, chamada de Maria Izabel. A mulher comentava sobre sua experiência no grupo de TO *Marias do Brasil*, e instantaneamente Preto viaja para a salinha cheia de fotos das Marias. Maria Izabel conta um pouco sobre como irá funcionar a dinâmica desses dois dias de curso que iriam passar juntos. A forma como ela explicava irritava Preto: lenta e bastante detalhada, na tentativa de rebuscar a forma de falar.

Todo esse incômodo com as duasicineiras se torna um pequeno peso na consciência de Preto, pois suas expectativas já começaram a decair de acordo com o andamento do curso. Rapidamente Silvia Paes aparece em seu pensamento; aquela mulher que ele tanto admirava era totalmente diferente daquelas outras duas que estavam em sua frente. Era muito difícil não comparar elas.

Os jogos e exercícios realizados nos dois dias de oficina já foram em sua maioria feitos por Preto com a Silvia Paes. Todos eles se encontram no livro do Boal *Jogos para atores e não-atores*. O garoto anotava fielmente em seu caderno com escritas rápidas todas as atividades realizadas naquele dia. Os exercícios aplicados seguiam uma linha básica: começando pelo momento introdutório com o exercício “cruz e círculo”, que tinha como proposição aquecer a mente dos alunos, e o exercício “batizado ritmado” no qual a proposta eram todos se apresentarem para o grande grupo e todos reproduzirem suas ações logo em seguida. Esses exercícios estão na lembrança de Preto devido a grande influência de Silvia na sua visão sobre o TO. Repentinamente, como se o Preto entrasse em um grande túnel de suas memórias, ele é transportado para aquele auditório gelado com as cadeiras coloridas e ao fundo um palco com o piso de madeira. E lá ele se observa como se fosse um espectro seu eu do passado: o menino Lucas fazendo aqueles mesmos exercícios, mas de uma forma inocente e sem pretensões. O que mudou daquele tempo pra agora, 5 anos depois?

3.1 - Os marcantes

Certo dia Preto foi convidado para um aniversário. Um amigo seu estava comemorando seu dia em uma casa bastante grande. O local estava regado de bebidas, piscina e uma sauna. Aproveitando tudo aquilo que a casa tinha para oferecer, Preto começou seus trabalhos. A bebida entra, a droga entra, a piscina cobre seu corpo com sua abundância de água clorificada. Após muitas horas, na companhia de seus amigos, eles decidem fazer seus corpos suarem pela temperatura elevada da sauna. Ao entrarem naquele local, o suor instantaneamente começa a aparecer nos seus corpos, o álcool que eles ingeriram em excesso começa a evaporar pelos poros que agora estão abertos. Bêbado, Preto dança dentro daquele local abafado, fazendo seu corpo produzir o dobro do suor. O ardor na canela direita aparece em questões de segundo, a saída do vapor quente estava a centímetros da pele do garoto, a vermelhidão toma conta daquele local fazendo o garoto gritar de dor, mesmo a bebida alcoólica em exagero amenizando a dor que o garoto sente. As bolhas aparecem em questão de minutos ao saírem da sauna. Depois de um tempo, a pele morta começa a sair deixando a perna em carne viva. A pomada que o Preto passa todo dia alivia a ardência do machucado. Atualmente, ao olhar para a perna dele é possível ver as cicatrizes pequenas que ficaram em sua canela.

O segundo dia de oficina no CTO começa com as reflexões feitas pelasicineiras e pelos alunos durante a noite após o primeiro dia. Algumas pessoas compartilham das suas percepções e pensamentos sobre os exercícios feitos no dia anterior, e, ao ouvir boa parte das pessoas, um exercício causa uma certa comoção geral.

Na tarde anterior, o exercício das imagens foi o mais demorado. A proposta era que em duplas e/ou trios as pessoas deveriam complementar a imagem que sua dupla propusesse. A curinga, ao ver alguma imagem que poderia levantar algum questionamento, chamava o grande grupo para observar e comentar suas percepções sobre a imagem. Como o grupo em sua maioria era composto por mulheres, as temáticas quase sempre se voltavam para o feminicídio, estupro e assédio. As imagens refletiam claramente o que as pessoas vivenciavam em sua vida diária, como em um ônibus lotado, por exemplo. De forma descontraída o assunto era levado para lugares mais delicados dentro das discussões. O papel

do curinga era exatamente o de guiar a conversa, levando a percepção de como o TO dialoga com esses assuntos e sobre a importância de trazer esses assuntos à tona.

Conforme a oficina seguia com seu andamento, Preto se pega animado com o que está por vir. O segundo dia segue com os exercícios, o enfoque segue sempre sendo o mesmo, ou seja, as opressões vividas pelo grupo.

Preto tentava ao máximo ficar somente na observação; tentava não expor seus pensamentos para o grupo. Ele preferia deixar que os assuntos levantados ficassem em sua mente para que ele refletisse primeiro antes de falar. Essa escolha fazia o garoto ficar mais fechado perante o grupo, ao ponto dele começar a não se reconhecer, pois sempre foi um garoto muito comunicativo, isto é, que ao entrar num local conseguiu rapidamente fazer amizades. Mas, ali, ao contrário do que se esperava, lá estava ele, em seu canto observando e guardando o máximo de informações. Talvez essa exclusão tenha se dado pelo foco na sua pesquisa, pela tentativa de levar aquele curso com a maior seriedade possível, ou pelo fato de a idade das pessoas serem bem diferentes da dele.

O barulho dos turistas que ficam zanzando de um lado para o outro tirando suas fotos no famoso Arcos da Lapa em frente ao CTO se mantém durante o dia todo. E junto com som das buzinas sendo apertadas constantemente pelos carros que passam pelo local formam uma trilha sonora irritante. Mas depois de um tempo o barulho fica em segundo plano até ser completamente ignorado.

O exercício chamado “Imagem do som” começa a ser explicado ao entardecer; o sol não bate na sala que estaria completamente escura se não fosse a luz elétrica. Esse exercício consiste basicamente numa grande roda onde todo o grupo fica de costas para o centro, um voluntário vai ao centro e faz um som e uma ação. Após o término do som e ação, o grupo vira para o centro e tenta reproduzir a ação de acordo com o som ouvido. Até então, a atividade era simples. Preto acha muito engraçado o exercício e se diverte muito realizando ele. A segunda variável do exercício é explicada pela curinga Maria Izabel. Ela pede para que quem for ao centro faça um som e uma ação “feminina”. E assim é feito. Todos que vão ao centro fazem o comando dado no início. E ali, naquele momento, o estranhamento começa a surgir por parte do garoto. Ele fica pensando em realizar a atividade e não questionar pois provavelmente o exercício tem algum objetivo. Logo em seguida, o mesmo comando é dado mas agora com ações “masculinas”. Ali, naquele momento a raiva surge. Preto não consegue

realizar o exercício. A cada voluntário que vai ao centro o garoto revira os olhos. Ele não quer estar ali, não quer participar daquilo, mas ele espera ansiosamente uma explicação para tudo aquilo. Ao final, percebendo que nada seria comentado sobre a atividade, Preto levanta a mão. O único momento em que ele expôs para o “grande público” seus pensamentos foi o momento mais polêmico desses dois dias de oficina.

Para o garoto, aquele exercício era somente mais um reforço de um estereótipo imposto pela sociedade em relação aos gêneros, mas o incômodo surge não pelo exercício em si, mas pela forma como foi aplicado. Naquele momento, não se via uma perspectiva de um diálogo ou pensamento sobre o que foi feito ali. Apenas estavam reforçando a normatização daquelas ações, pois nos exemplos ditos femininos surgiam ações como puxar a calcinha da bunda, depilar as axilas, cozinhar, etc. Nas ações masculinas, eram vistas pessoas praticando musculação, fazendo a barba e dirigindo automóveis.

Ao levantar a mão Preto expôs ali o seu único descontentamento perante a oficina. Aquele exercício, na sua perspectiva, tem o intuito de trazer o diálogo sobre machismo, homofobia, sexismo e misoginia. No entanto, nada disso foi levantado em nenhum momento. Não foi perguntado a opinião das pessoas sobre o que foi feito e sobre o que elas viam ao realizar a atividade. E ali, naquele momento, Preto acreditava que estavam ignorando questões de opressão muito importantes, indo, desse modo, em um sentido oposto do que o TO defenderia como proposta.

Com o levantamento desse incômodo, muitas outras pessoas começam a relatar que também sentiram esse desconforto e a agradecer o rapaz por ter levado isso para a discussão. As curingas se desculparam e explicaram que em nenhum momento essa era a intenção delas ou do jogo reforçar estereótipos de uma sociedade na qual eles não acreditavam. Ali chegaram a conclusão de que mesmo esses exercícios sendo muito importantes para o levantamento de militâncias, não podemos esquecer de rever as atividades e seus conceitos para que não sejam alegóricos, deixando de trazer à tona reflexões necessárias.

Ao final, a caminho de casa Preto reflete sobre esse acontecimento. Foi a primeira vez que ele sentiu um desconforto ao realizar um exercício do TO, mas ele estava feliz, pois mesmo incomodado conseguiu provocar uma discussão. Um assunto muito importante foi levantado e se refletiu sobre.

Essa experiência marcou Preto assim como aquele dia em que estava na sauna. Primeiro ele sentiu dor. Não esperava sentir esse sentimento num momento tão feliz e descontraído. Depois tratou desse ferimento, não ignorou ele e cuidou com cuidado para que isso não acontecesse novamente. E por último o que fica é a cicatriz, a marca de um

momento. Da mesma forma que na perna do Preto é possível ver o resultado da imprudência de um momento “bebedeira”, ficou marcado a primeira vez que o Preto ficou triste ao fazer um exercício criado por Boal. Aquilo ficou, virou cicatriz e nunca mais será esquecido.

3.2 - A lista

Os exercícios realizados durante o curso foram listados no quadro ao final de tudo. Como já foi mencionado, todos são facilmente encontrados no livro do Boal, *Jogos para atores e não-atores*. Segue a lista de exercícios realizados durante o curso e anotados por Preto em seu caderno:

Dia 1:

- Cruz e círculo
- Batizado ritmado
- Hipnotismo colombiano
- 1,2,3 de Bradford
- Floresta de som
- Completar a imagem
- Hope
- Duas revelações de santa Tereza
- Contrários
- Máquina rítmica
- Metoca

Dia 2:

- Jana cabana
- Zip zap
- Testa, nariz, queixo
- Ponto, abraço e aperto de mão
- Imagem do som
- Meios de transporte
- Homenagem a Magritte
- Metoca

4 - É chegado o fim

O CTO abrigou por dois dias, um grupo diverso de pessoas de estados e países diferentes. O intuito da oficina ofertada por eles era o de levar um pouco da técnica desenvolvida por Augusto Boal para as pessoas. E isso eles fizeram com maestria. O cuidado e a atenção que eles tinham com cada pessoa que passou por aquele espaço era notável. As duas mulheres que ministraram o curso conseguiram de forma graciosa levantar questionamentos e ensinar. Mesmo encontrando os problemas e incômodos aqui relatados, Preto sentiu que o que essas duas mulheres fizeram foi de extrema coragem e importância. Elas carregam o legado do TO com elas o tempo todo, e isso é a forma mais linda de honrar suas crenças e a memória de Augusto Boal. É inspirador, é lindo.

Ao anunciarem o fim do curso, o grande grupo se despede do local, parte para suas casas e hospedagens, levando consigo todas as reflexões e conhecimentos que tiveram nessas 10 horas que estiveram juntos.

Você que está lendo esse texto provavelmente deve ter um filme favorito, aquele filme que pode ser assistido milhões de vezes e nunca perde a graça, aquele filme que você sabe as falas de cor e salteado e pode pronunciar elas junto com os atores. Para Preto, o curso no CTO foi como assistir seu filme favorito, rememorar e revisitar algo que ele gosta e tem muito apego. Esse curso serviu muito mais do que simplesmente ganhar um certificado ou ter material para escrever seu TCC. Significou reviver suas esperanças de um dia transformar a vida das pessoas com o Teatro do Oprimido da mesma forma que a sua vida foi transformada.

O avião decola numa velocidade impressionante fazendo o Preto apertar o encosto do banco onde estava sentado. Enquanto ele observa a cidade maravilhosa se distanciar até perder a vista pelas nuvens que cobrem o avião o único pensamento que ele tem é “fodeu, agora tenho que escrever sobre tudo isso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1- Formou pra vida?

Repassando a história do menino Lucas em minha cabeça, entendo melhor a minha caminhada até o presente momento em que escrevo essa frase. Tamanha vivência que começou em um auditório gelado com barulho de crianças ao redor. Neste lugar, o fazer artístico entra em minha vida e me faz traçar um caminho repleto de reflexões e vivências que aquele menino Lucas nem imaginaria alcançar.

Vejo hoje a importância que aquela mulher teve não só em minha vida, mas na vida de um grupo de jovens que tiveram em seu caminho uma nova visão de arte e de sociedade. Parece até clichê de dizer, mas a Silvia tem um espaço especial guardado no meu coração, não simplesmente pelo afeto que tenho por ela, mas por tudo que ela proporcionou ao apresentar o legado político-artístico de um homem que não pude conhecer em corpo físico, mas que conheci sua crença, sua história, sua luta, sua militância, seu desejo, seu conhecimento, suas felicidades e tantas outras coisas que fizeram esse homem ser quem ele foi. Augusto Boal deixa de ser um nome qualquer para mim, se torna sinônimo de futuro. E junto com ele, em minhas referências, busco e buscarei ser o tipo de pessoa que pela arte forma e transforma.

A trajetória foi muito desenhada na vida do menino Lucas, eu. O contato com o Teatro do Oprimido teve seu início no ensino médio e se estendeu para sua graduação, que como consequência se estenderá para sua prática como educador.

A abordagem metodológica que é proposta pelo Boal para uma emancipação social é muito clara. Seus jogos como potencializador de discussões sociais que os jovens terão é uma grandiosa forma de formar o adolescente não só para vestibulares e concursos, mas sim para a formação do senso crítico, de uma visão mais ampla da sociedade na qual ele está inserido, e assim, encontrar formas de solucionar os problemas encontrados em suas reflexões.

Quer provocar transformações sociais por meio de uma reeducação coletiva construída com o oprimido, capaz de fazer surgir o Novo a partir de um novo homem (para usar os termos freirianos). Ao mencionar Paulo Freire, no livro Teatro Legislativo, Boal ressalta a importância da transividade na troca de saberes entre educador e educando para a construção democrática do conhecimento (BOAL,

1996, p.45). Boal se interessa pela teoria freireana para construir uma estrutura de técnicas didáticas sustentada por uma pedagógica política que coloca o teatro como ferramenta central de luta contra a opressão social. ZANETTI (2015)

Formar para a vida é algo que eu acredito como educador, vai além do decoreba de fórmulas matemáticas, é algo que marca de uma forma que nunca será esquecido, eu nunca esqueci. Levo esse lema comigo.

BIBLIOGRAFIA

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Jogos Para Atores e Não Atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **O Arco-íris do Desejo**: Método Boal de terapia e teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. **O teatro como arte marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

FREIRE Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

KOUDELA, Ingrid Dormien; SANTANA, Arão Paranaguá de. **Abordagens metodológicas do teatro na educação**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2018.

ZANETTI, Anderson de Souza. **Augusto Boal: Alguns Encontros e Desencontros com Bertolt Brecht**. São Paulo: UNESP, 2015.